

UMA (DES)APRENDIZAGEM OU AS CONVERSAS EPISTÊMICAS DE CLARICE LISPECTOR

Nathalia Flores Soares¹
Edgar César Nolasco²

O que eu quero contar é tão delicado quanto a própria vida. E eu queria poder usar a delicadeza que também tenho em mim, ao lado da grossura de camponesa que é o que me salva.
(LISPECTOR, 1999, p. 68)

Des-escrever sua história local biográfica me vai ser muito desconfortável, na medida em que ele é uma extensão de mim. Assim como meu corpo é uma continuidade da planície.
(NOLASCO, 2022, p. 17)

O presente estudo se delineia a partir da fronteira-sul, nosso biolocus geoistórico e epistemológico, propõe estabelecer uma teorização *outra* crivada à luz da noção de *conversas epistêmicas* (MIGNOLO, 2003) a partir da intelectual Clarice Lispector, tendo como enfoque as crônicas que compõem o projeto da autora. Para isso, nossa discussão se assenta na crítica biográfica fronteira (NOLASCO, 2015), bem como na descolonialidade. (MIGNOLO, 2003), considerando que: “[...] um fazer descolonial que toma a memória como uma prática que se erige da vida, da condição, das línguas e das histórias dos sujeitos que se encontram numa exterioridade [...]” (NOLASCO, 2014, p. 139).

Assim, nossa prática teórica fronteira terá como ilustração as crônicas de Lispector a fim de traçar um perfil político da intelectual, elucidando como seus escritos denunciavam a fome, a injustiça social e o apagamento de sujeitos subalternos. A teorização proposta será delimitada pelo caráter sul-fronteiriço, o qual nos respalda para ler de maneira *outra* a literatura clariciana na atualidade. Buscaremos uma teorização que emerge a *a partir da* (MIGNOLO, 2003) fronteira geoistórica, conceitual e epistemológica a qual vai além do proposto pela epistemologia moderna, a fim de nos desprender (MIGNOLO, 2020) não só das histórias (bio)locais que foram suprimidas, excluídas e invisibilizadas por ela.

Nosso desejo também é desprender a *persona*, Clarice Lispector da velha crítica moderna literária, a qual privilegiava a estética em detrimento do caráter político e potente da literatura

¹ Doutoranda em Estudos de Linguagens pela Universidade Federal de Mato Grosso do sul. Membro do Núcleo de Estudos Culturais Comparados. E-mail: nathalia.f.soares@hotmail.com

² Professor titular na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Coordenador do Núcleo de Estudos Culturais Comparados. E-mail: ecnolasco@uol.com.br

clariciana. Como exposto por Nolasco: “A crítica clariciana não conseguiu acompanhar devidamente os desdobramentos críticos e políticos que a intelectual impunha à sua obra como um todo.” (NOLASCO, 2021, p. 22). A crítica literária por muito foi assentada sob o prisma da filosofia ocidental, a qual concebia um modelo universal de literatura, em que a estética era privilegiada em detrimento do próprio texto literário, se constituindo como uma maneira de unificar a literatura, a forma e o texto literário em prol do humanismo ocidental respaldado principalmente pela noção goethiana de *Weltliteratur*. Essa ideia centralizadora excluiu e desprezou qualquer ser/saber/pensamento que não fosse o do “modelo” proposto em que os sujeitos, saberes, produções erigidas da exterioridade foram excluídos e ficaram de fora do projeto mundo colonial por destoarem do padrão moderno homogeneizante.

Na esteira dessas afirmações, este ensaio propõe teorizar acerca da figura de Clarice Lispector enquanto cronista, de modo que seus escritos re-descobrem a exterioridade do Brasil no bojo da discussão angariada na obra supracitada. Como proposto pelo texto-epígrafe, ensejo descrever minha história local, bem como, a história do Brasil pelos olhos de Clarice Lispector na condição de cronista expectadora do mundo. Por compreender na esteira de Walter Mignolo que as crônicas de Clarice se constroem como documentos do cotidiano que não podem ser transcritos, um conhecimento dinâmico, um estar-siendo no mundo, nesse sentido, as crônicas es(colhidas) irão corroborar para meu diálogo sul-sul (SANTOS, 2010) de modo a re-descobrir o mundo dos excluídos, da fome, da terra *brasilis* que se insinua nas frestas da ficção clariciana.

Nesse sentido, elenquei dez crônicas as quais irão dar subsidio teórico para a teorização que venho propondo acerca do desprendimento clariciano, são elas: Brincar de pensar, Cosmonauta na terra, Daqui há 25 anos, Dies Irae, O grito, Alegria manda, A matança de seres humanos: os índios, Ser cronista, A descoberta do mundo, em busca de ouro.

Dito isso, a proposta central esta assentada em aprender “a desaprender para poder re-descobrir o mundo que re-existe” (MIGNOLO, 2010) para além das imposições coloniais. Levarei em consideração o fato de que as crônicas claricianas funcionam como um registro do cotidiano das exterioridades brasileiras. Escreverei este ensaio como forma de re-descobrir meu próprio mundo e o de clarice, escreverei para prezar por minha vida que está alicerçada na fronteira-Sul.

Assim,minha prática teórica fronteiriça terá como ilustração as crônicas reunidas na obra supracitada, a fim de traçar um perfil político da intelectual Clarice Lispector, elucidando

como seus escritos denunciavam a fome, a injustiça social e o apagamento de sujeitos subalternos. Dito isso, a teorização proposta será delimitada pelo caráter sul-fronteiriço, o qual me respalda para ler de maneira outra a literatura clariciana na atualidade. Buscarei propor uma teorização que emerge a partir da “fronteira geoistórica” (TOSTLANOVA, MIGNOLO, 2012, p. 60), conceitual e epistemológica a qual vai além do proposto pela epistemologia moderna; nesse sentido, a fim de me desprender não só das histórias (bio)locais que foram suprimidas, excluídas e invisibilizadas por ela. No bojo conceitual desta discussão, os conceitos serão priorizados conforme a leitura dos textos, bem como das crônicas elegidas. É por meio da escrita e assentada em um modo de pensar outro que irei teorizar a escrita de Clarice enquanto cronista, como posto pela autora:

Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador. Escrever é também abençoar uma vida que não foi abençoada. (LISPECTOR, 1999, p. 83)

Posto isso, minha vida de crítica biográfica fronteiriça, não “abençoada” pela magnitude do projeto colonial, só pode ser teorizada por meio da epistemologia fronteiriça, a qual se consolida como um pensamento outro em “resposta à violência da epistemologia imperial/territorial e à retórica da salvação” (TOSTLANOVA, MIGNOLO, 2012, p.60), que continua a ser implementada na literatura, crítica literária e política. Assim sendo, minha teorização maior está assentada em aprender a desaprender para poder assim re-aprender, sempre em consonância com as crônicas claricianas.

Na esteira dessa afirmação conceitual, iremos re-aprender a descobrir o mundo com Clarice, por meio do diálogo que iremos manter com os amigos-autores-aliados que elenquei para suplementar minha epistemologia, Edgar César Nolasco afirmou em livro recente escrito em comemoração ao centenário de Clarice o seguinte:

a intelectual brasileira já propunha, mesmo que sem o saber, uma teorização descolonial fronteiriça do desprendimento com relação especificamente, à boa tradição literária e seu respectivo pensamento moderno ocidental. (NOLASCO, 2021, p. 30)

Nolasco elucida o que ensejamos quando pensamos no perfil político clariciano, posto que seus escritos tratam da fome, da miséria do Brasil, do desinteresse em relação à cultura. Desse modo, a descoberta do mundo de Clarice está para o desprendimento não só da boa tradição literária mas, sim, da história universal homogeneizante como um todo. A boa tradição literária se tornou responsável por excluir mulheres da literatura universal, como afirmado por Silviano Santiago em texto sobre Clarice, a literatura considerada ruim era simplesmente “[...] jogada na lata de lixo da história como sentimental ou condenável, de mulheres para mulheres” (SANTIAGO, 2004, p. 233)

Pensar desse ponto de vista é consequência da colonização maçante sofrida nas várias esferas da humanidade, mais um exemplo do falocentrismo existente na boa e velha tradição literária oitocentista. Na esteira de Santiago, vemos que Clarice foi peça chave e triunfante para inverter a lógica machista presente na literatura, os escritos da autora contribuem para a denúncia da realidade social, eis o jogo discursivo de Lispector, feito a partir do cotidiano. Memórias, escritos e experiências compõem de forma ímpar o jogo de Clarice. Sua escrita se desprender da boa tradição literária por descortinar seu caminho em direção ao desprendimento. Entender que o jogo clariciano não está só para a ficção, demanda compreender que a realidade o atravessa, como um esforço que se chega à memória, “escrever é tantas vezes lembrar-se do que nunca existiu.” (LISPECTOR, 1999, 231)

Escrever uma literatura pelo ponto de vista feminino, rodeada de memórias e histórias as quais foram soterradas prol da colonialidade do poder e de “universalismos abstratos” (SANTOS, 2010, p. 39) que se projetaram como modelo de escrita e de vida. Quero demonstrar como o escrever para Clarice acaba se tornando uma forma de re-contar memórias e descobrir o mundo para além dos limites intrínsecos da colonização.

Posto isso, começo essa conversa a partir de um sentimento que me vem acompanhando há algum tempo, o sentimento de que Clarice Lispector se incorporou em minha vida, escrita e sensibilidades locais como o fez a fronteira-Sul, meu lugar no mundo. Partindo deste princípio, a Clarice que me acompanha como espectro se funde em meu corpo e nas entrelinhas de meus textos, me autorizando a escrever o que eu quero, já que minha própria aliada espectral insistia em repetir que literatura era pouco, o que ela escrevia não tinha nome. Sinto que meu trabalho de crítica biográfica fronteiriça me aloca na posição de escrever o que quero para “prezar nossas vidas, ao invés de torna-las dispensáveis” (MIGNOLO, 2010, p. 295)

Entendo que escrever o que se quer é um dos atos mais complicados para mim crítico biográfico fronteiriço, porque ao fazê-lo sei que estou me desprendendo das oposições coloniais norteadoras, de modo a assumir minhas orientações epistêmicas rumo ao “diálogo sul-sul” (SANTOS, 2010, p. 15) Na esteira dessa argumentação, a desobediência epistêmica é condição sine qua non para a realização do desprendimento, uma vez que estudar uma autora como Clarice Lispector demanda desprender o ranço moderno que circunda toda sua obra.

Como uma forma de realizar o desprendimento da figura de Clarice da historiografia moderna literária, a qual não foi capaz de perceber o nível político das discussões que a intelectual

propunha em seus textos. A crítica moderna manteve seu olhar voltado somente para o projeto estético de Clarice, sem perceber a magnitude das discussões levantadas pela autora para entender o funcionamento do Brasil de sua época, bem como, das relações políticas instauradas naquele momento histórico.

Argumento em favor das epistemologias que emergem do Sul, como modo de resolver os impasses epistemológicos advindos da modernidade e que se incrustam na obra de Clarice e por isso valho-me da máxima em que “Desaprender não significa esquecer. Significa lembrar de um modo diferente”(SANTOS, 2019, p. 225). A partir disso, sou levada a inferir que a descolonização por meio da reinvenção do poder, acontece somente através do pensamento fronteiriço. O fato é que existem epistemologias hegemônicas que fundamentam todo o pensar ocidental, para a prática descolonial é imprescindível a criação de teorizações outras por meio de “metodologias do desconforto” (SANTOS, 2019, p. 225) , enquanto sentimento ocasionado pela desobediência à forma hegemônica colonial metodológica.

Partindo do princípio de que as histórias locais constroem o pensamento fronteiriço, memórias, escritos e experiências compõem de forma ímpar a escrita de Clarice. Sua escrita se desprender da boa tradição literária por descortinar seu caminho em direção ao desprendimento. Entender que a prosa literária clariciana não está só para a ficção, demanda compreender que a realidade o atravessa, como um esforço que se chega à memória. Quero demonstrar como o escrever para Clarice acaba se tornando uma forma de recontar memórias e descobrir o mundo para além dos limites intrínsecos da colonização

É nesse sentido, que re-ler as crônicas de Clarice se constroem como uma forma de compreender o prenuncio da descolonialidade presente e expresso em seus textos-crônicas. Dito isso, quero pensar com Clarice como elucidado pela crônica-epigrafe a qual abre está conversa/teorização, que meu mapa também precisa ser refundido, uma vez que foi desenhado e construído sobre as “ruínas de uma civilização” (MIGNOLO, 2010, p. 295) que não contempla as sensibilidades locais latino-americanas. Compreendo que refundar o mapa de minha civilização demanda assumir uma teorização baseada em conceitos outros, os quais compreende “a gramática da descolonialidade está em construção no planeta” (MIGNOLO, 2010, p. 293)

A Clarice que evoco pra minha vida como aliada intelectual vêm construindo uma gramática descolonial em seus escritos, mesmo que faça sem o saber. A intelectual afirma que “há pouco

nascemos para o mundo”(LISPECTOR, 1999, p. 16), e de fato, nos sujeitos fronteirços nascemos há muito pouco comparado com a imensa civilização que nos criou. Nosso eu fundado e enraizado nas terras latinas está emergindo do des-encoberto.

Chegou o momento da “re-escritura a história do mundo a partir da perspectiva e da consciência crítica da colonialidade e da corpopolítica e geopolítica do conhecimento” (MIGNOLO, 2010, p. 96). Minha descoberta do mundo é como a escritura de Clarice não suporta resignação, e para além disso nasce da revolta como um meio de devorar a exclusão dos corpos fronteiriços, é uma revolta crítica fronteiriça, a qual me autoriza a ser desobediente, já que a revolta é sintoma do corpo colonizado, como nas palavras de minha aliada Clarice, ninguém me garante que meu mundo é azul, enquanto eu escrever o que eu quero meu mundo será como eu des-escrever, afinal, “o universo deste lado da linha re-existe e não é abstrato” (SANTOS, 2010, p. 71).

Nesse sentido, o que está envolto na minha des-coberta do mundo, passa pelo crivo do diálogo sul-sul, uma vez que a fronteira a qual escrevo se aloca do outro lado da linha dos saberes imperiais, “para além daquelas linhas radicais que dividem a realidade em dois universos distintos” (SANTOS, 2010, p. 71). Dito isso, entendo que as crônicas escritas por Clarice Lispector dialogam diretamente com este lado da linha, com os corpos marginalizados, excluídos em prol de um Estado tomado pelo comando militar. A autora relata em seus textos-crônicas uma práxis de viver outra, seus escritos estão calcados na realidade social brasileira, mesmo que de modo sutil a lá Clarice. Seu posicionamento político se dá por meio das palavras evidenciando assim o potencial teórico, político de seus textos, de modo que são transfigurados da realidade para a ficção. Como afirma Silviano Santiago: “Na literatura brasileira, Clarice é a primeira a transferir para a linguagem o lugar central ocupado autoritariamente pela realidade histórica”.(SANTIAGO, 2014, p.15)

Realidade histórica essa que está descrita nas entrelinhas da descoberta do mundo, as crônicas de Clarice provocam seu leitor a olhar para o mundo que re-surge para além da linguagem fácil do “instrumentalismo político” (SANTIAGO, 2014, p. 15) o qual se pauta em universalismos abstratos os quais desprezam as vidas marginais.

O pensamento descrito nessas linhas parte da máxima de que a Decolonialidade precisa do pensamento de fronteira. Ambos são condições necessárias para desvincular da miragem do pensamento e do ser imperial. Ao me desvincular desta miragem moderna e homogeneizante, incorporo as palavras de Clarice e percebo: “ então é verdade que eu não me imaginei, eu existo”

(LISPECTOR, 1999, p .15) . Existo e re-existo na minha fronteira e sigo escrevendo o que quero para des-cobrir o mundo.

REFERÊNCIAS

LISPECTOR, Clarice. **Todas as crônicas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

LISPECTOR, Clarice. **A Descoberta do Mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MENESES, Maria Paula; SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 15-27.

MIGNOLO, Walter. Prefacio de la edición castellana: *un paradigma otro*: colonialidad global, pensamiento fronterizo y cosmopolitismo crítico. In: MIGNOLO, Walter. **Historias locales/diseños globales**: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo. Madrid: Ediciones Akal Sa, 2003b, p. 19-60.

MIGNOLO, Walter. **Desobediencia epistémica**: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2014.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S010269092017000200507&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 23 nov. 2020.

NOLASCO, Edgar César. Memórias subalternas latinas. In: NOLASCO, Edgar César. **Perto do coração selbaje da crítica fronteriza**. São Carlos: Pedro&João Editores, 2013, p. 131-159.

NOLASCO, Edgar César. **A hora da(s) estrela(s) Clarice e Macabéa**: fora da literatura, dentro da realidade. Campinas : Pontes, 2021.

SANTIAGO, Silviano. A aula inaugural de Clarice Lispector. In: _____. **O cosmopolitismo do pobre**: crítica literária e crítica cultural. 2004. Belo Horizonte: Editora da UFMG.

SANTIAGO, Silviano. A política em Clarice